



# Gaiato



Quinzenário • 29 de Junho de 1991 • Ano XLVIII — Nº 1234 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## NOTAS DA QUINZENA

# ÁFRICA

**A Obra da Rua vai com sua mensagem a partir do anúncio dos valores da justiça e do amor**

Quando estas notas saírem à luz do dia, já os nossos pés poisaram em Angola. África chama, de novo, pela Obra da Rua.

Em Novembro de 1963, a pouco tempo do levantamento armado contra o modo de estar Portugal em África, a Obra da Rua parte do Tejo, num barquinho que fazia lembrar uma casca de noz, com dois grupos que levavam a missão de erguer duas Casas do Gaiato em Angola, Malanje e Benguela.

Era um momento considerado inoportuno por algumas vozes. A guerrilha estava muito activa. A segurança das pessoas e bens estava comprometida. Era uma aventura com riscos que podiam ameaçar a estabilidade e confiança necessárias para um trabalho eficaz. Assim pensavam algumas pessoas.

A Obra da Rua foi, entretanto. Pai Américo sonhara com Aldeias em África parecidas com as Casas do Gaiato. Não pôde ver, então, o sonho realizado, o que veio acontecer depois da sua morte. Ergueram-se duas Aldeias em Angola e uma em Moçambique, esta iniciada quatro anos mais tarde.

Naquele tempo, a Obra da Rua foi um sinal que apareceu em África. Recordo-me de ter ouvido, numa cidade do interior, este desabafo: «Que bom terdes vindo!» A guerra semeava destruição e miséria. A guerra é um monstro que abate tudo à sua frente!

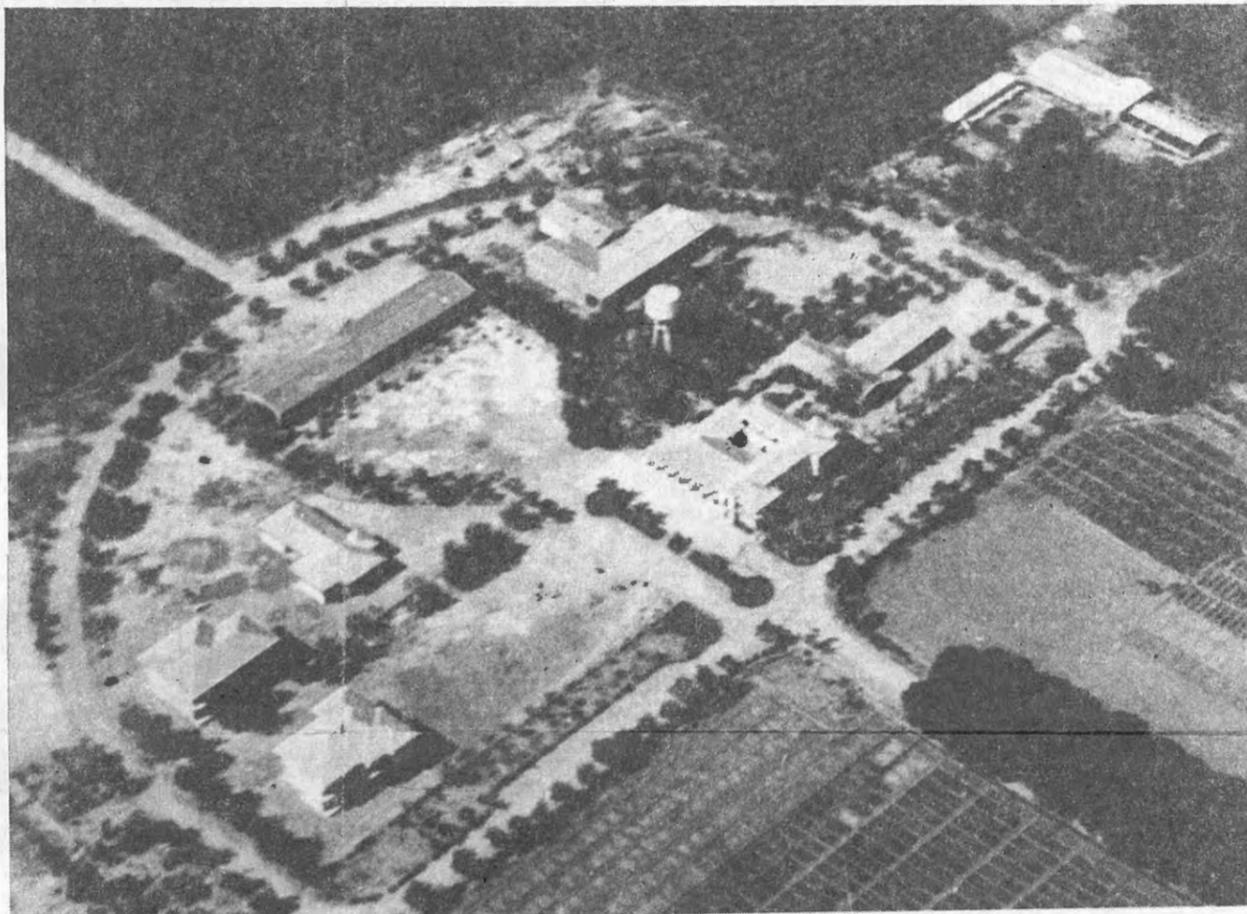
A mensagem de reconciliação, a partir da Obra que

acolhe gente de todas as raças e não pede nada em troca, era entendida e comunicava esperança e confiança. «Que bom terdes vindo!»

Do que foi a vida das Casas do Gaiato em África, ao longo dos anos até à independência de Angola e Moçambique, falam as populações que viram com dor cair a espada da nacionalização sobre elas; falam os filhos dispersos que nunca mais se encontraram em família; falam os pobres que perderam o apoio seguro em suas aflições; falam as vozes que chamam pelo regresso da Obra da Rua ao seu lugar.

Nunca perdemos a esperança de que os ventos da história soprariam noutra direcção. Estamos em época de grandes e profundas mudanças. Queremos estar sempre abertos, à espera da hora, e não queremos que ela passe em vão. A história julgar-nos-ia pela nossa falta de decisão.

De há um tempo para cá, chegavam-nos ecos da disposição dos governantes



Vista aérea da Casa do Gaiato de Benguela

de Angola de restituir à Obra da Rua as Casas do Gaiato, então nacionalizadas. Os Bispos que têm as Casas nas suas dioceses confirmaram de viva voz a intenção do governo e pediram o regresso da Obra da Rua. O motivo que nos levou a Angola — a Padre Telmo e a

mim — foi o de ver a situação *in loco* para ser tomada uma decisão.

Mais uma vez a Obra da Rua é posta à prova. Que momento grande estamos a viver! Não posso deixar de ver o paralelismo dos dois tempos. Em 1963, rebentara a guerra há pouco tempo. a

Obra da Rua vai com a sua mensagem de reconciliação a partir do anúncio dos valores da justiça e do amor, incarnados nas Casas do Gaiato. Eram o sinal visível do testemunho.

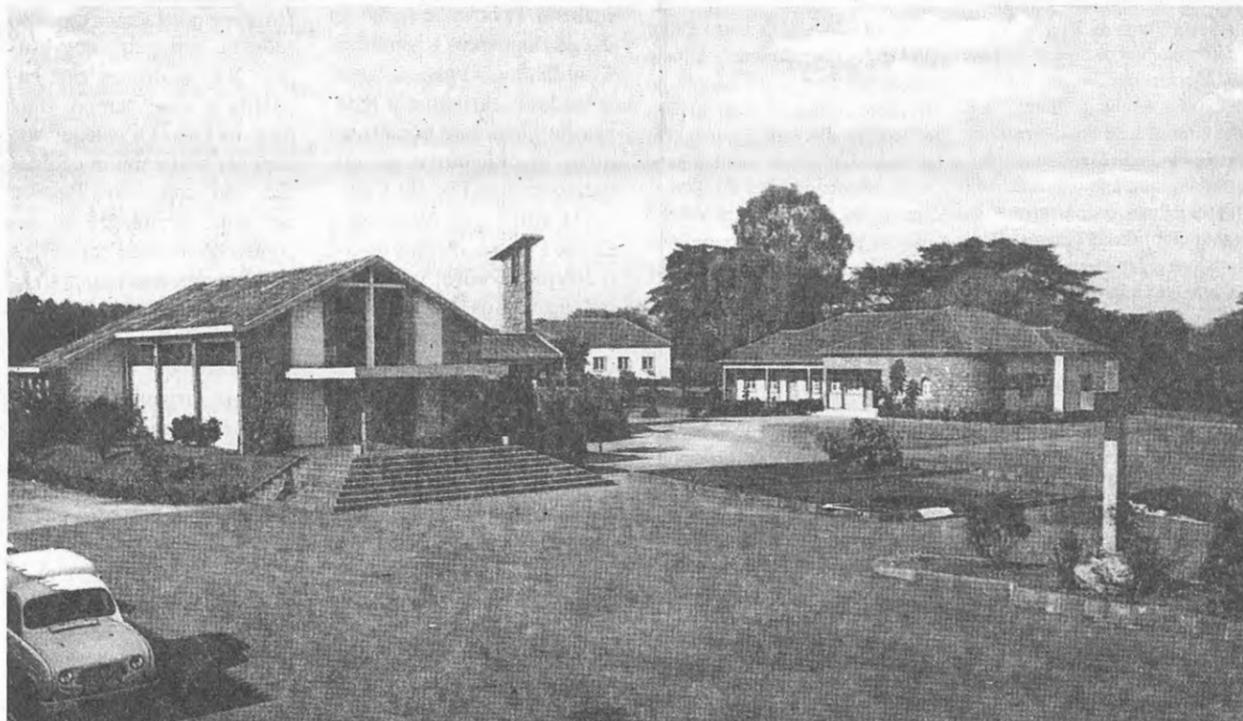
Agora, no momento delicadíssimo da reconstrução dum povo esfarrapado pela

guerra, pelo ódio e desejo de vingança, surge o apelo à Obra da Rua para que vá pregar a reconciliação a partir dos valores da Justiça e da Caridade, incarnados nas Casas do Gaiato. Mais: Angola é um tesouro de riqueza que desperta a cobiça dos poderosos. Nestas circunstâncias é comum o aparecimento de grupos que, a pretexto de favorecerem o desenvolvimento, deixam cair somente migalhas para o povo. Ou os valores da Justiça e da Caridade são integrados na reconstrução do tecido social ou o sofrimento imerecido do povo vai continuar.

• Iremos para Moçambique, em definitivo, no princípio de Agosto. Os momentos grandes trazem muita alegria e preocupação também. Estamos a preparar a equipa que vai lançar os caboucos da nova Aldeia. O entusiasmo está acima das aflições. Moçambique necessita de tudo.

A partilha desta hora por que passa a Obra da Rua, há-de despertar o desejo de maior comunhão entre todos. A Igreja, que é Mãe, há-de dar à Obra da Rua as vocações necessárias.

Padre Manuel António



Casa do Gaiato de Malanje

# PELAS CASAS DO GAIATO

## CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Os males da urbe repercutem-se no campo. Corolário das sociedades (ditas) em desenvolvimento.

Casos pontuais:

É o ébrio que, na força do álcool, profere disparates a quem lhe dá a mão.

Outro, inventa estórias para colher mais.

Outros, ainda, a quem se dá abrigo para mudarem de vida, não correspondem. Incomodam a vizinhança. O vicentino sofre por não ver mudanças de comportamento.

O reino dos Pobres!

Obviamente, nem tudo são rosas nestas acções específicas, pois em nossos braços tombam desgraças que o bicho homem semeia, o mundo cultiva e, às vezes, não conseguimos dar solução.

Quem anda nesta vida precisa de estar preparado para os fracassos.

Deus nos dê sempre força e coragem. Em domínios mais transcendentes: que as pedras não sejam estorvo, mas Luz para os nossos defeitos e limitações. Humildade. Grande escola para quem se mete nestas andanças!

**PARTILHA** — Presença da assinante 18996, de Umbilo (África do Sul): «Depois de uma longa ausência, envio a minha pequena migalha para ajuda

do que for mais preciso».

Cinco mil, do assinante 42971, de Ovar, «para os Pobres mais necessitados e envergonhados, da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, por uma intenção» — que lhe fica guardada na alma, mas Deus sabe.

O mesmo, de Setúbal, «para uma viúva com filhinhos. É pouco, mas dado com muito amor». Aqui está a grandeza da sua oferta, querida «Avó dos 5 netinhos».

Quatro mil, «de Manuel de Braga», destinados às irmãs viúvas: «Fico sempre tão contente quando outras pessoas encaminham as suas ofertas pela mesma intenção! O Evangelho recomenda-nos que ajudemos os órfãos e as viúvas».

Dois anónimas, da região de Aveiro, vêm em peregrinação, até cá, todos os anos, e deixam 3.260\$00.

Mais cinco mil, do assinante 4395, deputado à Assembleia da República, que traz sempre os Pobres no seu coração.

Fechamos a *procissão* com a presença habitual da assinante 31104, da Capital, expressando as suas intenções: «Basta uma referência n' O GAIATO, como muitas que têm escrito e tanto me falam ao coração».

Cheque de «Avó de Sintra», que desabafo: «Os meus olhos não me deixam escrever tudo que vai na minha alma, pelo que me limito ao mínimo».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## TOJAL

### PRIMEIRA COMUNHÃO

— Em 8 de Junho, foi dia de festa, primeira Comunhão de sete gaiatos, dois dos quais baptizados ao mesmo tempo. Um dia de alegria para eles e para nós.

**AGRICULTURA** — Parece que vamos ter uma boa colheita de batatas, pois os batatais estão com uma flor muito bonita. Vamos cortar o feno para as vacas. O olival está completamente cheio. Pensamos ficar com o palheiro cheio.

**PATOS** — Nasceram mais treze. O Nuno Fernando anda muito contente, pois com estes nascimentos já não sabe onde pô-los.

**OBRAS** — Mais um mês ou dois e fica a calçada pronta e dá outra vista à Casa. Estamos também a construir uma nova garagem para os tractores e alfaia agrícolas.

**PORCOS** — Uma porca deu à luz sete leitões. «Francês» e «Tiquinho» estão contentes, pois tratam das pocilgas há muito tempo e só agora tiveram esta alegria.

**GENTE NOVA** — Recebemos mais dois rapazes. Um, foi baptizado: «Pelé». Joga bem a bola. Outro, é o Osvaldo. Sentem-se bem no meio de nós.

**VISITAS** — Temos recebido muita gente! Uma excursão veio de Linda-a-Velha. Passaram o dia connosco. Participaram na Missa. Regressaram felizes.

**FUTEBOL** — Defrontámos uma equipa, no nosso campo de jogos, e vencemos o prélio: 7-5. Aguardamos que outros grupos venham jogar e conviver connosco. Obrigado.

Luís Miguel Fontes

## PAÇO DE SOUSA

**AMEIXAS** — O nosso Padre Manuel, ultimamente, tem-se envolvido num ambiente muito frutífero: todos os dias verifica o aspecto das ameixoeiras. Da última vez notou anomalias e logo avisou, no fim do Terço, que as ameixas são para todos e não só para os mais traquinas. Atenção meninos, dá para ficar sem praia.

**EXCURSÕES** — Mais uma vez a excursão da Janota foi fiel e, como sempre, veio, este ano, novamente. Foi um dia muito bom, todos conviveram e assistiram ao grupo musical, às dançarinas; mais tarde, à merenda que reuniu toda a malta. Enfim, tudo correu lindamente, a excursão despediu-se com pena de o tempo estar a acabar, mas com a promessa de continuarem a voltar.

**DESPORTO** — Participámos num torneio de futebol aqui

perto, em Galegos. Defrontámos uma formação de Cête. Foi um jogo equilibrado para ambas as equipas, obtendo a nossa formação um resultado feliz: 4-3.

«Cebola»

## LAR DO PORTO

### CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Mais uma vez fomos em busca da Palavra de Deus, fazendo o retiro anual. Conosco esteve o nosso director espiritual, que foi muito benéfico. Presidiu o Padre Luís Aranha, do Mosteiro dos Beneditinos, a quem agradecemos o trabalho que teve connosco. Que Deus lhe conserve por muitos e longos anos o dom que tem em comunicar a Palavra de Deus;

para ele vai o muito obrigado de todos os vicentinos, mais os restantes amigos que conosco quiseram estar presentes para reflectir a Palavra do Senhor Jesus Cristo, e que este retiro seja para nós um renascer, porque só escutando a Palavra do Mestre somos capazes de ser portadores do Evangelho.

Estes momentos são muito importantes. Fazem-nos parar um bocadinho, meditar um pouco mais e admirarmos as maravilhas do Senhor.

Queremos também agradecer às irmãs do Mosteiro das Beneditinas, de Roziz, o seu agradável acolhimento.

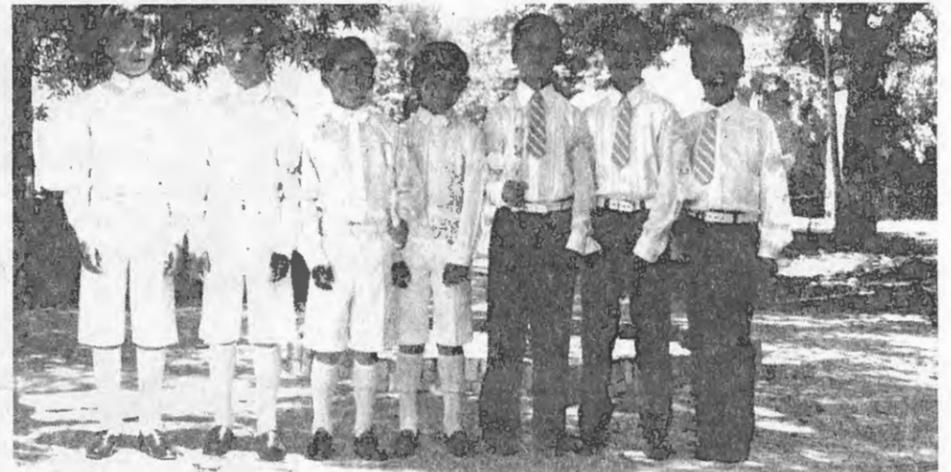
Depois destes dias de meditação, voltamos ao nosso trabalho de visita aos Pobres. As carências continuam a ser muitas. Tentamos ajudá-los o melhor possível, mas, às vezes, é muito difícil ultrapassar determinadas barreiras.

Neste momento, a alguns deles foi atribuída casa em diversos bairros da cidade. E lá foram, com os seus poucos haveres, para a nova moradia. Alguns nem acreditam. Mas estão felizes; finalmente têm um tecto decente. Aos outros, com a nossa ajuda, vamos tentando com algumas obras melhorar as suas casas.

**Campanha tenha o seu Pobre:** — Anónimo, 1.000\$00; Maria Etelvina, 5000\$00; Leonilde, 7000\$00; Maria Bernardete, 5000\$00; Roupia, de Maria Vilhena; anónimo, 1000\$00; assinante 3359, 1000\$00; vale de 3000\$00; assinante 14590, 1000\$00; anónimo, 1000\$00; Carmelita Góis, 3000\$00.

A todos, o nosso muito obrigado.

Casal vicentino



Tojal. Baptismos e primeiras Comunhões. Carlinhos, Américo, Bruno Pereira, «Pãozinho», Joaquim Pedro, Hugo e João Carlos estavam felizes.

## Associações de Antigos Gaiatos

### NORTE

Em 21 de Julho, domingo, será o Convívio anual, em Paço de Sousa, comemorando os 35 anos da partida de Pai Américo para o Céu.

O Encontro estreita os laços de amizade e camaradagem que sempre nos uniram em redor da Casa do Gaiato, além do abraço e gratidão que devemos aos Pais da Rua pelo seu incansável trabalho ao longo dos anos.

É a Festa da Família que sempre fomos.

**Programa** — 9,30 h, chegada a Paço de Sousa. 10 h, provas desportivas. 11,30 h, oferta de flores a Pai Américo. 12 h, celebração eucarística e outras actividades.

Fernando Marques

### SETÚBAL

Entre as muitas razões que nos levam a realizar o Encontro, é porque somos uma Família de gaiatos, para gaiatos, pelos gaiatos. Será no domingo, 7 de Julho, conforme já foi anunciado.

A nossa Associação comemora o 10º aniversário e o 13º

Encontro anual, garantia de que estamos no bom caminho pela amizade e fraternidade indispensáveis à concretização da festa que tentamos fazer. Com este sentido de responsabilidade, reunimo-nos todos, dando, mais uma vez, um testemunho vivo do espírito da Obra da Rua.

Convidamos os nossos irmãos das Associações, Norte, Centro, de Lisboa, Malanje, Benguela e Moçambique. A vossa presença fortifica a união e os laços de fraternidade que nos une, além da alegria de nos encontrarmos na grande Família de gaiatos. Portanto, a tua presença é bem-vinda a Casa do Gaiato de Setúbal.

**PROGRAMA** — 8,30 h — Concentração no Lar de Setúbal; 9,00 h — Partida da caravana em direcção à nossa Casa; 10 h — Celebração Eucarística; 11,30 h — Reunião da Associação — jogo de futebol: netos da Obra da Rua (filhos de gaiatos); 13,30 h — Almoço; 16,30 h — Jogo de futebol; 17,30 h — Merenda; 20,00 h — Dispersão.

A ti, que talvez nunca tenhas vindo, dirigimos especialmente este convite; a tua presença é indispensável. Contamos contigo.

Américo Correia

# Encontros

## EM LISBOA

Foi dia de festa. Alegria nascida da harmonia de ver tudo no seu lugar. Podemos dizer que a Casa do Gaiato se realizou. O nove de Junho foi dia de Baptismos e primeiras Comunhões. O pão, a cama, a saúde, o carinho e a Palavra de Deus que conduz ao novo nascimento e ao alimento com o Pão do Céu.

O Carlinhos, o Américo, o Bruno Pereira, o «Pãozinho», o Joaquim Pedro, o Hugo e o João Carlos estavam felizes. Decerto irão lembrar este dia. É possível que uns continuem a crescer na fé. É também possível que outros, pouco a pouco, deixem que deste dia fique apenas uma ténue lembrança. Segredos guardados no coração de cada um deles. A semente está lançada, em nós a esperança que germine e cresça.

Durante alguns dias, toda a comunidade se preparou. Pedimos as bênçãos de Deus e da Mãe de Jesus para todos

eles. Pedimos também por todos nós, para que a fidelidade a Jesus de Nazaré, o Cristo, acompanhe os dias da nossa vida.

A Catequese é uma preocupação em nossas Casas. Uma vez por semana todos se reúnem, em pequenos grupos. Não se discute este encontro e este tempo. Faz parte da vida. Os catequistas, com carinho e muita dedicação, vão semeando a Palavra de Deus. O milagre do encontro do homem com Deus pode acontecer nestas reuniões. Sempre me impressionou, nas Casas do Gaiato, a alegria com que os nossos rapazes se dirigem para a Catequese. É um pão especial. É já um sinal do encontro com o Pai do Céu. É, talvez, também um presente que o bom Deus oferece aos Seus filhos mais carenciados, dispondo-os para uma comida sempre difícil de ser saboreada.

Gostaria de um dia ter a disponibilidade para conversar com os especialistas sobre

as dificuldades que sinto ao transmitir a fé. Fui aprendendo que se deve partir da experiência vivida e subir sempre mais alto a fim de dizermos o indizível. Sei que há outras correntes catequéticas, prefiro esta. Acontece, porém, que a vida religiosa está repleta de imagens e analogias tiradas da vida familiar. Sirvam-nos três exemplos: Deus ama-nos como um pai, e é o nosso Pai do Céu; rezamos-lhe dizendo Pai Nosso. A Mãe de Jesus é também nossa mãe, assim a saudamos e a ela recorremos agora e na hora da nossa morte. Os discípulos de Jesus devem amar-se como irmãos, recorrendo à partilha e ao perdão. Para mim é fácil, embora nem tanto como isso, partir da experiência vivida e poder aceitar no meu coração um amor de Deus Pai, de Maria Nossa Mãe, ou de todo o homem diferente como irmão. Preciso de subir um



# Humilde homenagem

Fui, um dia, em serviço da Diocese de Malanje, com duas Irmãs brasileiras, a uma Missão abandonada pelos missionários devido à guerra. Havia já muita carência de alimentos. Sardinhas de conserva com bolachas foi peíscico de deuses!

Charruas e motores de rega, inertes e frios no meio do capim. De volta dos edifícios da Missão, o silêncio triste dum mosteiro em ruínas. Num recanto, uma cruz de pau a emergir do capim. Avancei, cauteloso, abrindo caminho e comecei a descobrir campos delimitados pelas lápides respectivas:

Aqui jaz Padre «fulano» natural da Bélgica e falecido aos...

Aqui jaz Padre «cicrano» natural da Holanda e falecido a...

Aqui jaz Padre «tal», português, e falecido a...

Aqui jaz...

Tamanho abandono no silêncio esmagador deste recanto angolano, esfrangalhou-me e, chorando, rezei por aqueles meus colegas:

— Descansai em paz, meus irmãos. Quando o capim arder, romperá o chão outro bem viçoso para envolver vossas campas solitárias.

Quem falou ou fala nestes santos e heróis desconhecidos?

Nesta inversão de valores que quase toda a nossa Comunicação Social, embandei-

rada, acompanha — um silêncio de morte! Cueiros anti-padre ainda bem agarrados e herdados dos nossos avós...

E a nossa própria Pátria? Desconhece.

Na Holanda todos os missionários, ao serviço das Missões, mesmo estrangeiras, são acarinhados. Não esquecendo mesmo um subsídio de férias quando as vão gozar.

Entre nós o caldo nos nossos familiares e os cafezinhos nos bons amigos que temos... Como aves sem ninho!

Isto não é essencial, claro. Mas um sinal de que o espírito missionário da Pátria foi ao fundo com as velhas naus.

E, quem tem promovido os povos africanos?

Eis:

Foi numa cidade de África, no cume do baralho revolucionário e em reunião de mentalização e perspectivas políticas:

1.º, discurso contra as Missões; 2.º, contra as Igrejas. Muitas palmas e comentários baratos.

No meio da festa levantou-se um, também do partido e do mando, e falou:

— Qual de vós aqui presente não deve a sua instrução à Missão do seu lugar ou Colégio de padres? Julgais que só eu... Nem eu, pois a devo aos Padres Jesuítas onde estudei.

O silêncio que se seguiu ainda hoje tilinta com sabor a madrugada.

Defeitos? Quem os não tem? Respeite-se a nossa boa vontade e o sermos quase os únicos que demos e ainda damos o «corpo ao manifesto», sem termos em conta os ordenados chorudos ou melhoria de vida.

• Nesta celebração dos 500 anos de Evangelho em terras de África, esta humilde homenagem aos que repousam escondidos entre arbustos e capim, mas presentes e em glória no coração de Deus.

Padre Telmo

## DOCTRINA



...e de tal sorte abre seus ramos...

• A Casa de Repouso do Gaiato Pobre nasceu em uma destas tardes de Outono chuvoso, à luz de um candeeiro de petróleo, dentro de um cubículo da Baixa com traseiras para um saguão. O miúdo tinha deixado ontem a loja de onde fora despedido por não poder trabalhar. Na hora em que eu cheguei, vinha ele do dispensário com duas caixas de injeções e recado de repousar em casa, alimentando-se bem! O ambiente do quarto podia-se cortar à faca. No chão há farrapos dispersos e palha arrumada a um canto, onde dormem os irmãos; os pais têm enxerga. O pequeno doente é um dos gaiatos das Colónias de Férias. É meu. Pergunta se ainda falta muito para irmos e fala da sopa que lá se come e aqui não tem, com apetite e com saudades.

• Nasceu assim a Casa de Repouso; lancei aqui a primeira pedra; comecei naquela hora o meu fadário! Deu-me no coração tamanha dor que tenho corrido os médicos de Coimbra a eito, narrando-lhes o que os meus olhos viram; e todos receitam uma subscrição semestral — a única coisa que me faz bem.

• Tenho, pela mesma razão, subido a outras mansões em busca de idêntico lenitivo, forçado pela sorte do meu miúdo. Piso tapetes da Pérsia, vejo pratas e riquezas, ouço o turbilhão da ideia em conceitos da vida e apreciação dos homens. Nada me interessa nem me deslumbra. Procuro, peço, aceito toda e qualquer subscrição semestral; mesmo que seja muito baixinha, eu levo-a a muito alto; que não têm sido, as até hoje registadas! A mais original de todas é a promessa de uma vaca leiteira, feita por um senhor da Beira, pai de treze filhos (doze à mesa) que não receia ficar pobre por amor dos Pobres.

• Servir taças de leite fresco aos pequeninos predispostos à tuberculose, é dar batalha e vencer as legiões do mundo microbiano que procuram atacá-los; seres tão terrivelmente misteriosos, que a ciência hoje ignora se eles são plantas ou bichos!

*O. Amín. 5!*

(Do livro Pão dos Pobres — 2.º vol.)

## Notas do tempo

• A primeira regista as Festas no Aveirense e no Coliseu que os Rapazes de Setúbal realizaram com tanta galhardia.

O programa inteiramente concebido e executado por eles foi, na verdade, muito feliz e deixou as melhores impressões em quem a ele assistiu. Em Aveiro, a sala encheu. No Porto, pela primeira vez na história das nossas Festas, cerca de meia casa. Aparecem-nos razões para que assim tenha acontecido, mas temos pena da oportunidade perdida por tantos Amigos que se teriam sentido muito felizes se da Festa tivessem participado, temos a certeza. Outra pena foi a dos nossos Rapazes não terem gozado o espectáculo que constitui

uma sala cheia como a do Coliseu, o que «só por si é motivo de inspiração», dizia Pai Américo. Ainda assim, o calor e a vida que transpiram estas plateias nortenas num encontro familiar como são as nossas Festas, constituiu para os Rapazes nma experiência que alguns confessaram muito compensadora.

Graças a Deus, pois!

• A segunda nota é já clássica desde que começa a estação das férias e se manifesta aqui em cada correio, no pacote volumoso dos jornais devolvidos.

São «os desconhecidos» no giro; os endereços insuficientes, sobretudo em terras onde a evolução urbana se tem processado mais aceleradamente e antes não havia ruas com nomes e portas com números e agora há de tudo isso e até em cada prédio de andares, a informação explícita do dito.

Daí voltarmos a pedir aos nossos Assinantes nestas condições que tenham paciência e nos informem da integridade do seu endereço que realmente mudou, mesmo que não tenham mudado de morada. Assim não acontecerá ficarem privados do jornal enquanto os seus velhos carteiros foram de férias; e poupar-nos-ão o desgosto que nos causam estas devoluções maciças.

Padre Carlos

Fiquei encantado com o Carlos Manuel a varrer o largo da laranjeira, das pombas e da fonte. Que bem que o lago ficou! Foi ao monte de mato e fez uma vassoura. Com ela na mão varreu até ao fim. Mal olhava para mim, sorria. Tocou para a escola e foi a correr com a sua obrigação feita.

Eu vinha do largo dos currais de ver o gado todo a comer o primeiro almoço. Lá encontrei o Luís Miguel a tratar os porcos e os coelhos. É tão bondoso o Luís Miguel! Gosta tanto de dizer que os leitõesinhos «estão a ficar lindos! E a coelha vai ter outra vez coelhinhos!» E mostra todos os animais que estão à sua guarda. Passou também por mim a caminho da escola.

O Vasco Daniel tem sempre um sorriso nos olhos e na cara e a mão estendida para a nossa mão. Demora muito tempo a comer e é um sacrifício grande para o chefe que tem de esperar. Vai fazer seis anos e irá também para a escola.

Estes três são irmãos. Têm pela vida fora muitas marcas negativas de quem os gerou e da vida que tiveram de viver. A cara e o alheamento dos olhos mostram o álcool ingerido de muitos modos. O raquitismo físico e mental são bem sinais de muitas deficiências alimentares e familiares. Dois, ainda mamam no dedo.

Olhando para eles vejo os mesmos sinais em quase todos os que agora recebemos em nossas Casas. As famílias estão cada vez a degradar-se mais. O álcool e a prostituição são grande mal. Os filhos são as maiores vítimas. Custa-lhes tanto — e a nós também — libertarem-se

## Tribuna de Coimbra

destas marcas e das tendências a que são tentados. Ainda ontem, conversando com um que anda sempre escondido, senti com muita mágoa o estendal de nojeira moral em que está atolado. Foi criado, de pequenino, em ambiente sujo. Nunca conseguiu e também não sente força para se libertar. Esta vida para ele é normal. Um olhar sem brilho e olhos no chão.

As telenovelas, alguns programas de televisão e muitos

testemunhos da vida da nossa sociedade também ajudam. Os nossos chefes já têm chamado a tribunal os que se beijam na boca e outras coisas mais. Eles vão dando conta do mal, mas só não são capazes de remediar. Os mais responsáveis da vida social não dão conta — ou não a querem dar — e a vida continua a degradar-se. Todos temos muita tendência para a apatia.

Padre Horácio

## Novos Assinantes

A correspondência de novos leitores é sempre tão rica!

À primeira vista parece que os nossos interlocutores se repetem. Mas não. Cada um é o que é — e dá largas à sua alma.

«Escrevi numa corrida!» — acentua uma leitora de Lisboa — «pois não quero perder um assinante». Militância activa, significativa! Vai mais longe: «A Obra da Rua não é esquecida. Cada vez mais viva porque tem, lá no Céu, um advogado».

Curiosamente, boa parte da procissão é constituída por gente que se inscreve por suas próprias mãos e diz porquê. Ansião: «Conheço e

gosto d'O GAIATO. Quero ser assinante o mais rápido possível».

Hoje, não há dúvida, a coluna vai toda ela de jacto!

Leiria: «Sempre que encontro um gaiato não deixo de ficar com o 'Famoso'. Mas para que a sua leitura seja mais assídua, junto um cheque para duas assinaturas».

Valadares: «O GAIATO é algo de extraordinário. Pequeno, mas cheio de interesse. Pena é que não me apareça frequentemente. Prefiro-o a qualquer outro».

Mutilar esta afirmação, seria tirar-lhe o significado profundo que emana da alma desta Amiga.

Poderíamos acrescentar mais. Os nossos correspondentes fervem a bom ferver! Tão rica esta breve imagem da procissão! Vale a pena ficar por aqui.

Júlio Mendes

pouco, alargar horizontes, desprender-me dos laços de sangue para ir ao encontro dos laços da adopção. Mas a experiência vital está lá. Que dizer dos nossos rapazes? Que família? Que amor de pai? Que amor de mãe? Que experiência fraterna?

É verdade que sempre podemos sonhar, idealizar, aspirar, mas também é verdade que nada pode compensar a experiência. Os nossos têm a experiência da ausência e um desejo profundo de serem amados, muitas vezes com a desconfiança do «vamos a ver se é para valer».

Padre Manuel Cristóvão

# Cinquenta anos

Há meio século, Pai Américo lançou o primeiro volume do *Pão dos Pobres* com a marca da Gráfica de Coimbra e vai já na quinta edição com muita actualidade.

Em *Notícia* que serve de apresentação, afirma:

«O primeiro volume de o *Pão dos Pobres* e os mais que se seguirem, é um arranjo das notas semanais que aparecem em o *Correio de Coimbra*, desde o ano de 1932: primeiramente sob o título «*Sopa dos Pobres*» e agora, «*Obra da Rua*».

É um livro de ditado. O nome que se vê no lugar do autor, é única e simplesmente o do humilde ouvinte das queixas do Pobre, que escreve dentro da mansarda o que eles ditam, a pedir pão. Por isso mesmo tu choras, ao ler, como eu também choro, ao ouvir.

Lágrimas vivas, vertidas por Irmãos nossos, não pode o primeiro volume da obra, nem os mais, ser destinado ao público, mas sim colocado em mãos de visitantes do Pobre, que conhecem todas as notas do sofrimento e sabem tocá-las com amor. Não será um livro exposto, mas sim procurado.

Se, porém, o encontro ou a palavra fortuita vierem a colocar o *Pão dos Pobres* em mãos curiosas de alguém, que esse, quem quer que seja, não passe adiante sem abrir e ler. Não vão gozar os sentidos, antes vai padecer a alma, ao saber quanto no mundo sofrem inmerecidamente os Pobres — nossos Irmãos!

A queixa deles, amarga e justa, vai soprar as cinzas do teu coração, como faz o vento às folhas caducas; e ficarás num instante deslumbrado com a beleza do tesouro que trazes dentro de ti mesmo, de que nunca deste fé, por causa da poeira: o teu coração!»

Não temos a certeza d'O GAIATO haver citado um valioso comentário do Dr. Pacheco de Amorim, no *Comércio do Porto* da época, sobre o lançamento da obra. Vale a pena registar alguns retalhos, muito a propósito:

«A miséria, chaga de todos os tempos mas hoje mais do que nunca dolorosa e profunda, é o mais angustiante de todos os problemas sociais e, porventura, o mais importante porque é a raiz

desse mal-estar, dessa inquietação a que se chamou e chama ainda a questão social. E se é verdade que a miséria é o mais doloroso e importante dos problemas económicos e sociais dos nossos dias, também é certo que é de todos o menos conhecido e estudado nas suas causas, nas suas manifestações e nos seus efeitos porque a verdadeira miséria não é a que estende pelas ruas a mão à caridade, mas a que se esconde das vistas do público e sofre ocultamente as inclemências da fome, do frio e da doença.

Esta é a primeira razão por que a miséria é mal pouco conhecida, mas há outra de igual importância. É que para estudar e conhecer a miséria, é preciso viver de perto com ela, na sua intimidade, para que ela se mostre tal qual é e para tanto é preciso descobri-la e conquistá-la a confiança, o que é assás difícil.

Para descobrir a verdadeira miséria é preciso palmilhar os bairros pobres e as ruas escuras das cidades, subir às trapeiras e descer às caves, entrar em todos os tugúrios, à busca da fome, da desnudez, do desamparo, da doença física e moral e tudo isto é fatigante, perigoso, por vezes nauseabundo.

Só assim se decobre a verdadeira miséria, mas isto não basta ainda para a poder estudar e conhecer. Para tanto é preciso

entrar na sua intimidade e a miséria é desconfiada, por vezes, principalmente se o visitante leva cabeça: «O padre é um excomungado nas zonas da miséria», diz o Padre Américo na sua empolgante e enternecedora obra *Pão dos Pobres* que acaba de sair a lume. Nunca acredita, nele nem nos seus bons officios: — O quê, padres aqui a estas horas! Cheira a morte! E em cima, nas trapeiras do quinto andar: — O senhor enganou-se; eu sou pobre.

(...) Se é verdade que a miséria é quase desconhecida na sua realidade, física e moral, igualmente ignorado é o tesouro de caridade que encerra a alma portuguesa. Ao leitor, a quem o Padre Américo apresenta a sua obra como eco do sofrimento imerecido dos Pobres, nossos irmãos, diz aquele prestimoso sacerdote com saber de experiência feito: «A queixa deles, amarga e justa, vai soprar as cinzas do teu coração, como faz o vento às folhas caducas; e ficarás num instante deslumbrado com a beleza do tesouro que trazes dentro de ti mesmo, de que nunca deste fé, por causa da poeira: o teu coração!»

(...) O problema da miséria é muito complexo e difícil, mas é forçoso estudá-lo porque ele é a raiz de todas as dificuldades por que está passando o mundo civilizado... E é por isso que o Padre Américo, publicando a sua for-

*P. Américo*

## PÃO DOS POBRES



COIMBRA  
1941

mosíssima obra *Pão dos Pobres*, acaba de prestar um grande serviço às letras pátrias, e ainda a todos os estudiosos dos problemas sociais portugueses.

O *Pão dos Pobres* é um compêndio da experiência adquirida pelo autor, no permanente contacto em que tem vivido com a miséria, há muitos anos. É uma complexa, rica e altamente sugestiva lição de coisas, exposta numa linguagem estranha, cheia

de realismo e de poesia, de caridade e clarividência, de coragem e humildade cristã.»

Júlio Mendes

### IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

## PARTILHA

Era domingo. Tinha ao colo um dos mais pequeninos da casa-mãe. Eles, os «Bata-tinhas», são o encanto de todos. Nas Festas, os mais aplaudidos pelos amigos; em casa, são alvo do maior carinho e atenção, tanto dos irmãos gaiatos mais velhos, como das Senhoras-Mães e dos Padres-Pais.

Estava ele comigo, quando, de repente, por entre o laranjal fronteiriço à nossa Casa, apareceu o pai.

Por força, que às vezes é difícil contrariar — pelo vazio que gera — este tem aparecido bastas vezes e deste modo imprevisível. Sempre ansioso, cansado, como se de longa jornada chegasse.

A relação com o miúdo é do mesmo tom: breve, informal; obviamente incomunicável...: «Olha, é o meu pai...!», exclama, ao aperceber-se da sua chegada. Desprendendo-se de mim, tímido, foi-se livremente.

O «vai e vem» deste homem fez-me voltar à levada funda e larga da minha infância: aos moinhos de junco plantados na força das águas, correndo densas, em direcção à mó.

Voltei a contemplar as mãos robustas do pai, afano-

samente lançando ao vento sementes sem conta...

Dei comigo, de árvore em árvore, aos ninhos, contando ovos e passarinhos — sempre de aviso: «Olha que os ninhos não se tiram; são a casa dos passarinhos».

Tudo isto se passara rápido e o miúdo estava de volta. O pai também já tinha voltado ao seu «vai e vem». De novo aninhado ao meu colo, senti, no bater do seu coração pequenino, o passarinho caído do alto do ninho desfeito — o seu lar — mas que uma águia grande o tomou em suas asas robustas e o levou para o seu ninho: a Obra da Rua, a Casa do Gaiato.

Vi, neste encontro fortuito, a levada seca e os passos da despedida soaram-me a moinhos de junco parados.

É que a mó deixou de moer; faltou a força da água e a arca da farinha está vazia; teias de aranha.

Assim, o ninho desfeito, o lar destruído: a paternidade e a maternidade mirradas.

Quantas vezes, fontes estancadas, à revelia de uma lei fácil e de omissões escondidas!

Mas o Luís estava ao meu colo e eu, nisto pensando, nem sequer me tinha dado conta do seu já longo e insistente pedido: «Então hoje é domingo e não me compras um chupa-chupa de apito!?»

Padre João

# Visitantes

Aos fins-de-semana, sobretudo, os visitantes enchem a nossa Aldeia. Há os que vêm por curiosidade. Entram, olham, admiram e vão-se. Não chegam a aperceber-se do segredo que faz a beleza da Casa do Gaiato. Ele há sítios lindos por esse País fora! Aqui é diferente.

Outros chegam e ficam. Vêm para repousar. A vida reparte-se pelas árvores e flores; pelas casas de granito e alamedas; pelos baloiços, campo de futebol e piscina. O buliço é uma companhia saudável que ajuda a descansar. As pessoas sentem-se bem e param. A piscina é o lugar mais apetecido nestes dias de verão. É um espaço familiar, privado quanto ao seu uso. Não pode ser doutra maneira. Que os visitantes entendam!

Há os que vêm por devoção. Sobem a avenida e seguem na direcção da Capela. Estes sabem onde está o centro da vida na Casa do Gaiato. E, porque querem aproveitar toda a riqueza da visita, começam por ali. O

porquê da Casa do Gaiato tem resposta na Paixão, Morte e Ressurreição. A Obra da Rua é um acontecimento de amor. Eis o segredo da beleza diferente que seduz as pessoas e as prende. Tudo é iluminado por este foco de luz.

O garoto da rua antes repelia e era enjeitado; agora, aproxima-se e é acolhido; antes, despertava pena, indiferença; agora, comunica esperança, alegria e faz chorar de gratidão; antes, era o «coitadinho»; agora, é filho como os filhos. Sem esquecer as limitações resultantes do seu estado. A beleza da nossa Aldeia é diferente das demais.

Nos meses de Maio e Junho, principalmente, há uma categoria de visitantes que, ano após ano, invade a Casa do Gaiato. São os alunos das escolas do ensino básico, secundário e outros. São às centenas e aos milhares, às vezes. Vêm acompanhados dos seus mestres e, não raro, alguns pais dão a mão aos filhos.

Estas visitas são consoladoras e dão oportunidade para uma aula prática diferente das outras e com impacte grande que deixa marca para toda a vida. O educador é um artista que vai arrancando e pondo a render, sem violência da liberdade, a riqueza guardada no coração de cada criança. Ajuda-a a conhecer-se. À medida que a dimensão social aparecer mais clara aos seus olhos, vai surgindo a pessoa equilibrada, boa, generosa. O contacto destes filhos com os nossos é, pois, uma ocasião privilegiada para o enriquecimento mútuo. Quem dera professores preocupados com este assunto!

Outro grupo que traz um sabor original é o das crianças

da catequese ou dos adolescentes da Profissão de Fé e do Crisma. A educação da Fé não se pode fazer sem a da Caridade. Aquela ilumina, esta alimenta. Descobrir no Outro a presença do Irmão é aproximar, destruir barreiras, dar a mão. A Fé sem Caridade é morta. O encontro que se dá, a propósito destas visitas, é saudável.

Somos a Porta Aberta. Bem sabemos que esta maneira de ser tem os seus riscos. Há os que entram em nossa Casa como se fossem para um jardim público. Estão enganados. Somos uma Casa de educação que a todos deve merecer muito respeito.

Padre Manuel António



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Panafiel  
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239